

Iris Giane Soares Lima
iris_gianels@hotmail.com

Anhanguera Educacional S.A.

A DISLEXIA E O CONTEXTO ESCOLAR

RESUMO

A dislexia está associada à deficiência no processo da aquisição da linguagem, o que afeta a leitura, a escrita, a soletração e a reprodução de textos. Os primeiros sintomas que podem sinalizar a dislexia aparecem na escola; o aluno disléxico geralmente não consegue assimilar e compreender um texto. Muitas vezes este distúrbio é confundido como preguiça e falta de atenção, resultando na maioria das vezes em evasão escolar. Por outro lado, quando a escola é formada por profissionais capacitados, atualizados e informados sobre o distúrbio e transtornos de aprendizagem, melhor para o atendimento das necessidades do aluno. O disléxico precisa receber acompanhamento de uma equipe multidisciplinar, os pais e a escola devem dar o apoio e entender como a criança aprende e se desenvolve no espaço escolar e no convívio social.

Palavras-Chave: Dislexia, Distúrbio, Dificuldade de aprendizagem, Escola.

ABSTRACT

Dyslexia is associated with a deficiency in the process of language acquisition, which affects reading, writing, spelling and reproduction of texts. The first symptoms that may signal dyslexia appear at school, dyslexic learners often can not assimilate and understand a text. Often this disorder is mistaken as laziness and lack of attention, most often resulting in truancy. On the other hand, when the school is made up of professionals, updated and informed about the disorder and learning disorders, to best meet the needs of the student. The dyslexic must receive follow-up of a multidisciplinary team, parents and the school must provide the support and understanding how the child learns and develops at school and in social life.

Keywords: Dyslexia; Disorder; Learning disability; School.

1. INTRODUÇÃO

A etapa mais importante na vida escolar da criança é a aprendizagem, pois vivemos em uma comunidade letrada. Algumas crianças não conseguem se apropriar desse código de linguagem.

A dislexia é um distúrbio pouco conhecido, mas bastante estudado. Crianças com dificuldades na aprendizagem e em codificar e decodificar a leitura e a escrita podem ser disléxicas e a dislexia passa despercebida em meio a conflitos na linguagem. As crianças acabam rotuladas em um ambiente que poderia ser acolhedor e socializador, como deveria ser a escola.

Sem o conhecimento da dislexia, os professores associam a dislexia como dificuldades na leitura e escrita, má alfabetização, desatenção, baixa condição sócio econômica, desmotivação, baixa inteligência. Entretanto, a partir destes pressupostos podemos pensar, repensar e refletir sobre a educação dentro de uma perspectiva pedagógica.

Através de um vasto conhecimento e um olhar investigativo, é possível enfrentar a dificuldade de aprendizagem e, a partir daí, questionar qual a melhor forma de identificar a dislexia e intervir na situação, decidindo quais procedimentos devem ser adotados para direcionar o aluno disléxico.

Por meio desta compreensão, o estudo da dislexia nos possibilita, de forma abrangente e significativa, perceber como ocorre, como proceder, suas causas, metodologias e qual equipe deve participar do processo e o rendimento do disléxico. Contudo, os disléxicos são inteligentes com habilidades surpreendentes, mas sentem dificuldades na linguagem.

Todavia, este distúrbio normalmente é visto como falta de compromisso do aluno mascarando o transtorno.

A partir da análise e do estudo da dislexia, compreende-se uma série de questões que levam a criança a não compreender a linguagem. Uma delas está ligada ao mau funcionamento na função de armazenagem de informações e como se dá esse processo na região cerebral.

2. DEFINIÇÃO

A dislexia vem chamando muito a atenção no contexto educacional, por ser o distúrbio de maior incidência nas escolas. Em decorrência, estudiosos tem-se aprofundado na fundamentação de teorias sobre a dislexia.

Segundo Santos (1986), “A dislexia do grego *dys*, (mal) e *lexis*, palavra frase é, em sentido amplo, qualquer dificuldade que se verifique no aprendizado de leitura e da escrita”. (p. 3).

Para compreendermos a dislexia, verificamos que a razão do problema encontra-se na codificação e decodificação da linguagem escrita, resultando em uma linguagem incompreensiva. Neste sentido, Topczewski (2000) faz a relação entre a leitura e escrita: “(...) A dislexia é definida como dificuldade relacionada à aquisição e ao desenvolvimento da leitura. Atualmente o sentido é mais abrangente, pois considera a dislexia relacionada também à escrita.” (p. 63).

A dislexia, enquanto deficiência da linguagem no campo neurológico, traz dificuldade na leitura, na pronúncia e nas habilidades de soletração. O distúrbio constitui-se em muitas alterações na linguagem, principalmente na leitura e escrita.

Villamarin (2001) completa que “em sentido amplo, essa síndrome se caracteriza por dificuldade para pronunciar, ler ou escrever corretamente as palavras, porém em sentido estrito.” (p. 328-329). Pode-se afirmar que a dislexia possui diversas consequências que acarretam situações prejudiciais a vida do disléxico.

A definição apontada por Debray (in Ajuriaguerra, 1990) é muito significativa:

A dislexia é uma dificuldade duradoura na aprendizagem da leitura e a aquisição de seu automatismo, em crianças normalmente inteligentes, normalmente escolarizadas e isentas de distúrbios sensoriais. Estima-se a sua frequência entre 5% a 10% dos escolares. (p. 89)

Ainda sobre a definição da dislexia, Massi (2007) esclarece que: “A dislexia tem sido tradicionalmente divulgada pela literatura nacional e internacional como distúrbio de aprendizagem manifestado por um conjunto de alterações ‘patológicas’ que evidenciam na aprendizagem da escrita.” (p. 17-18).

Conforme afirmação acima, a dislexia tem se expandido como objeto de estudo em diversos países. A dislexia recebeu outras nomenclaturas no decorrer dos anos tais como: dificuldade de aprendizagem, dificuldade de leitura e escrita, problemas de

aprendizagem, dislexia da evolução, dislexia do desenvolvimento, dislexia específica da evolução ou dislexia caracterizadas pelo uso da escrita.

Em relação às dificuldades de aprendizagem, vejamos a definição de Condermarin; Blomquist (1989), que ressaltam:

O termo dislexia é aplicável a uma situação pela qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com a qual lêem seus iguais, apesar de possuir uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional motivação e incentivos normais, bem como instrução adequada. (p. 21).

Enfim, a dislexia é um distúrbio no qual a criança sente dificuldade de ler palavras e reproduzi-las através da escrita. No princípio, as dificuldades ficam totalmente expostas no período da alfabetização. O distúrbio afeta o ato da leitura e da escrita, transtornando a codificação e decodificação das palavras.

2.1 HISTÓRICO

Segundo Ajuriaguerra (1990) o distúrbio foi identificado em 1881 por Berklan e a nomenclatura “Dislexia” foi criada em 1887 pelo oftalmologista Rudolf Berlin Stuttgart, na Alemanha, ao atender um jovem que tinha dificuldades de aprendizagem, mas o nível de inteligência e habilidades intelectuais eram normais como todos os outros jovens.

Pringle Morgan em 1896, físico Britânico de Seaford, descreve a dificuldade de assimilação da aprendizagem com o seguinte título: *cegueira congênita da palavra*, no British Medical Journal. O artigo retrata a dificuldade de um menino de 14 anos, que não conseguiu se apropriar da escrita, porém era uma criança dotada de inteligência e executava atividades como todas as crianças de sua idade. Ianhez e Nico (2002), complementam:

Em 1917, James Hishelwood citou a dislexia mais uma vez, quando da publicação de sua monografia “Cegueira Verbal Congenita”. Pesquisando adultos afásicos (pessoas com problemas de leitura e escrita, advindos de lesão cerebral), Hishelwood encontrou distúrbios infantis com sintomas parecidos, baseado nestas semelhanças, sugeriu que esses problemas fossem orgânicos e possivelmente hereditários (p. 35).

Segundo Ajuriaguerra (1990), Samuel T. Othon, neurologista que trabalhou com vítimas de traumatismo, foi um dos primeiros a estudar a dislexia. No ano de 1925, o neurologista associou o caso de um menino que tinha sintomas semelhantes a de uma pessoa que foi vítima de traumatismo e não sabia ler. Através de pesquisas e

estudos, Othon conclui que traumas neurológicos não tinham relação alguma com a deficiência de aprendizagem. Othon garante que a visão não é responsável pela dificuldades de aprendizagem e, sim, a dificuldade se dá pela lateralização cerebral, ou seja, dominância cerebral. Isto é explicado pelos autores Condemarin; Blomquist (1989) “a escrita em espelho seria explicada por uma luta entre dois hemisferios, em função da predominância. Também postulou a mesma explicação para o atraso na linguagem e gagueira” (p. 29).

Othon criou o termo *Strephosymbolia*, significando “símbolo invertido”, para caracterizar a dislexia. No início do século XX, psicólogos e professores davam pouca importância ao distúrbio, ao mesmo tempo que a classe médica desconsiderava acontecimentos dentro da sala de aula, criando uma lacuna na recuperação das crianças. Se houvesse credibilidade e um estado de atenção a esses problemas de aprendizagem, talvez houvesse um melhor nível educacional.

2.2. TERMOS RELACIONADOS AO CONCEITO DA DISLEXIA

É possível encontrar distúrbios que fazem parte da dislexia, e que possui uma relação distinta ao distúrbio. Veremos os termos a seguir:

A **Alexia** trata do retardo total ou parcial na leitura, causado por traumas cerebrais. O termo alexia relaciona-se ao significado de extinção da leitura e a dislexia indica perturbação. Em comum, o sintoma da **afasia** encontra-se na dificuldade da audição, da fala e conseqüentemente na leitura e na escrita e a afasia encontra-se inclusa no distúrbio da dislexia.

Na perda do reconhecimento de objetos, embora a percepção dos sentidos não seja afetada, denomina-se o termo de **Agnosia**.

Quando há perda ou ausência de movimentos, mesmo não sendo portador de paralisia ou deficiência mental, denomina-se a **Apraxia**. A ao contrario da apraxia, o **analfabetismo** é a incapacidade de aprender, devido às dificuldades sociais, e à ausência de oportunidades de cunho educacional. Dentro de toda essa problematização que ocorre no contexto de ensino e aprendizagem, o **bloqueio secundário da aprendizagem** está ligado à alfabetização e ocorre especificamente a leitura, na limitação de certo tipo de livro.

Outro termo associado à dislexia é **Cegueira Verbal Congênita**. Este termo é pouco conhecido e pouco utilizado. Othon determinou outro termo com relação à dis-

lexia, fundamentado em caráter distintivo dos disléxicos de alterar as letras, sílabas ou palavras chamado Strephosymbolia – símbolos invertidos.

3. CAUSAS

Por traz da dislexia, o distúrbio implica em causas que resultam na ausência da compreensão da linguagem. Topczewski (2000) ressalta que “há publicações citando a dislexia como sendo determinada por alterações de cromossomos 2, 6 e 15” (p. 64). O momento da divisão celular resultou na possível alteração, nisto é comprovado uma das possíveis causas da dislexia.

Outra causa existente acontece no campo cerebral. Ciasca; Campellini; Tonelotto (2003) assinalam que:

Para ler precisamos de integridade funcional de dois sistemas posteriores principais do hemisfério esquerdo-circuito dorsal, circuito ventral, quando um desses posteriores é interrompido, uma pode ter problema em quaisquer das tarefas que envolvem o ato de ler e escrever. (p. 58).

Todavia, é justificado que se cada uma das duas partes do cérebro sofrer interrupções na conexão cerebral, as conseqüências afetam a aprendizagem do indivíduo. A dislexia pode ser herdada geneticamente, ou seja, se há casos de disléxicos na família, o indivíduo poderá ter o transtorno.

Pennigton (1997) declara que “As causas da tal disfunção neurológica podem ser genéticas e adquiridas” (p. 68).

Dentro desta perspectiva, a dislexia pode ocorrer também durante a gestação devido a extensas doses de testosterona no feto (hormônio masculino).

Existem os seguintes tipos de dislexia:

- Dislexia adquirida: pode ser adquirida através de um acidente vascular cerebral, lesão cerebral e traumatismo de crânio.
- Dislexia Congênita ou Inata: de causa hereditária, o indivíduo já nasce com o distúrbio.
- Dislexia ocasional: caracteriza-se por alteração no sistema nervoso, TPM, hipertensão e sobrecarga de atividades.

Apesar das dificuldades estabelecidas diante da defasagem do exercício da leitura e escrita e sua assimilação, a deficiência não afeta a inteligência. Dentro deste con-

texto, as causas da dislexia podem ser uma incógnita e seus sintomas podem ser transitórios, assim aponta Massi (2007) “a dislexia vem sendo (in)definida uma vez que suas causas são desconhecidas e seus sintomas temporários, acometendo crianças somente enquanto estariam aprendendo a ler e a escrever” (p. 44).

A dislexia pode ocorrer devido a complexidade durante o parto, e também através do desequilíbrio alimentar resultante de uma alimentação deficiente o que afeta o sistema nervoso central, em suma, comprometendo a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual da criança. O processo neuropsicológicos que a criança atravessa para adquirir a linguagem sua compreensão e coordenação pode ser impedido devido ao mau funcionamento ou atraso na maturação e perturbação nos neurônios.

4. SINTOMAS

Os principais sintomas que evidenciam a dislexia são a dificuldade de ler, escrever, codificar e decodificar palavras. A criança disléxica consegue memorizar, porém não tem capacidade de soletração, mesmo sendo uma palavra simples, escrita de forma correta. Os erros que disléxicos sofrem na ortografia podem variar com a idade. Mesmo com dificuldades ortográficas, disléxicos conseguem obter bons resultados em outras disciplinas. Pennington (1997) afirma que “o desempenho do disléxico em matemática é relativamente melhor” (p. 72). Os sintomas e a gravidade são variados. No período de alfabetização os sintomas são perceptivos.

Os sintomas encontram-se nas características da leitura e escrita. Em relação ao tipo de leitura do disléxico, em geral é má. Tem por hábito fazer sílaba por sílaba ou quase sílaba por sílaba; leitura silábica ou subsilábica com processo dificultoso, requeitando maior atenção do disléxico, que quase sempre tem o esforço desconsiderado, a leitura é lenta e monótona. Há complicações na transição de uma linha para outra, a pontuação é dificilmente respeitada. Geralmente o disléxico sente dificuldade em leitura silenciosa e não compreende o que lê. Como consequência de pronunciar palavras erradas, ocorre o atraso no desenvolvimento da fala clara.

E na escrita são amplas as dificuldades. As complicações são evidentes em ditado e redação, a leitura espontânea torna-se complexa. Todavia, existem disléxicos que conseguem escrever por ditado, porém são incapazes de fazer uma escrita espontânea. A escrita apresenta erros freqüentes, com dificuldades na colocação de vírgulas e sinais incomuns de pontuação. Geralmente o disléxico possui letra feia, muitas vezes as letras são escritas uma distante da outra. Outras vezes as letras e palavras se chocam.

Pode haver complicações no reconhecimento de símbolos matemáticos, leitura de números e operações matemáticas, levando a uma aprendizagem tardia em matemática.

Zorzi (2008) descreve os sintomas e confirma que:

Outras dificuldades podem ser associadas, como falha de soletração e na ortografia. Com freqüência, os disléxicos exibem uma dificuldade significativa para compreender a estrutura sonora das palavras, ou seja, identificar fonemas separadamente. Também ocorre uma dificuldade para aprender a correspondência entre fonemas e as letras que os representam (p. 08).

A contrariedade e a falta de discernimento fonológico implicam a pronúncia das palavras de forma incorreta. A ausência da noção fonética conseqüência da percepção vaga dos sons simples que reproduzem as palavras, ocorre pelo som da letra e da sílaba. Os disléxicos apresentam elevado nível de inteligência e têm uma aguçada memória auditiva. Contudo, a dificuldade fonológica não está ligada à identificação sonora da palavra inteira, mas sim do entendimento das partes sonoras discriminadas de que a palavra é composta. Esta é a grande problemática pela qual os disléxicos sentem inúmeras dificuldades no ato da leitura, o que implica na soletração de sílabas e palavras principalmente em palavras novas.

Os sintomas da dislexia são classificados em ordem Primária, Correlata, Secundária, Artificial. Vejamos as características de cada sintoma na tabela a seguir:

Tabela. Sintomas da dislexia

| | |
|------------|--|
| Primária | Problemas em leitura e soletração, problema na codificação fonológica da linguagem escrita. |
| Correlata | Problemas nos processos de linguagem (articulação, rotulação, memória verbal a curto ou longo prazo). |
| Secundária | Baixo desempenho em compreensão na leitura e em matemática, auto-estima baixa, inversão de letras, diferença no movimento dos olhos durante a leitura. |
| Artificial | Problemas com atenção. Delinqüência e problemas visoespaciais. |

A característica notável do disléxico, os sinais evidentes, são: aglomeração e constância dos erros na leitura e escrita. A análise da qualidade da leitura oral de um disléxico apresenta uma ou diversas dificuldades:

- 1-Desordem entre letras, sílabas ou palavras com distinções simples de grafia: a-o, c-o, e-c, f-t, h-n, i-j, m-n, v-u, etc.
- 2-Desordem entre letras, sílabas ou palavras com grafia semelhante, mas com diferente orientação no espaço: b-d, b-p, b-q, d-b, d-p, d-q, n-u, w-m, a-e.
- 3-Desordem entre letras, que tem um ponto de articulação comum, dos quais os sons são perceptivos e adjacentes: d-t, j-x, c-g, m-b, m-b-p, v-f.
- 4-Transposições parciais ou total de sílabas ou palavras: me-em, sol-los, som-mos, sal-las, pal-pla.
- 5-Substituição de palavras por outras mais ou menos parecidas ou a criação de palavras, entretanto, com significados diferentes: soltou/salvou, era/ficava.
- 6-Contaminação de erros.
- 7- Adiciona ou omite sons, sílabas ou palavras: famoso substituído por fama, casa por casaco.
- 8- Reduplicação de sílabas, palavras ou frases.
- 9- Transpor de uma linha, recuar para a linha anterior e perder a linha ao ler.
- 10-Demasiada fixação do olho na linha
- 11- Soletração imperfeita: reconhece letras afastadas uma da outra, porém, sem dispor a palavra como um todo, ou então, lê a palavra sílaba, por sílabas, ou um texto, palavra por palavra.
- 12- Dificuldade de compreensão.
- 13- Há exceções em casos de leitura e escrita em espelhos.
- 14- Letras ilegíveis

As dificuldades do disléxico na assimilação e compreensão das palavras levam-no a executar uma leitura com profunda análise e interpretação decifratória.

Ainda, em relação a compreensão da leitura e escrita, Lima (in Araujo e Luna, 2005) entendem que:

O dislético é geralmente inteligente, apenas não consegue ler e escrever corretamente, devido à falta da pronuncia correta, o que dificulta a compreensão do contexto em que ela esta inserida. O dislético tem dificuldade para correlacionar sons e sinais gráficos, o que afeta a alfabetização. (p. 26).

Dificuldade na língua e a organização do letramento envolvem o dislético em varias situações no processo de aprendizagem, além da dificuldade de assimilação na leitura o qual implica em toda a estrutura fonológica, todavia, não conseguindo transformar letras e sons problematizando a pronuncia; comprometendo o exercício da escrita e sua compreensão.

4.1 TRANSTORNOS EMOCIONAIS

Crianças disléticas possuem problemas emocionais, apesar de serem inteligentes e conseguirem desenvolver outras funções escolares com habilidades, existe uma certa frustração devido ao reconhecimento de palavras e mau rendimento escolar. Em consequência de diversos fracassos escolares, a criança isola-se e se auto-exclui, tornando-se uma criança deprimida. Crianças com outros problemas de aprendizagem exceto a dislexia, as causas existenciais consistem em problemas emocionais que resultam o insucesso e estes afetam a aprendizagem.

5. TRATAMENTO

A criança dislética, que sente necessidades de aprendizagem é uma criança normal que necessita aprender de forma diferenciada. Apesar da dificuldade que o dislético sente na apropriação da linguagem fala da e escrita, a dislexia não é uma doença, e não existe medicamento para o distúrbio existe sim, tratamento para disléticos. Lima (in Araujo e Luna, 2005) assinala que: “Não há cura para a dislexia, mas o distúrbio pode ser tratado com a ajuda de fonoaudiólogos e psicoterapeutas.” (p. 27). A criança que possui o distúrbio precisa ter um atendimento prioritário, que seja conduzido por um especialista que oriente o professor e aluno para que haja um suporte pedagógico apropriado. O tratamento precoce implica no favorecimento das questões de aprendizagem do dislético. De acordo com diversos especialistas que atuam no tratamento da dislexia, verificamos que a dislexia pode ser tratada, como todos os outros distúrbios. Existem trata-

mentos que estimulam o cérebro a relacionar letras em sons, o qual beneficia a apropriação ortográfica focalizando principalmente na reeducação da linguagem escrita.

Nesse processo existem testes cognitivos que são realizados somente por psicólogos para traçar perfis cognitivos. A partir dos testes cognitivos, é solicitado o envolvimento de outros profissionais no tratamento da dislexia como: médicos de clínica geral, oftalmologistas/optometristas, audiologistas, otorrinolaringologistas, terapeutas da linguagem e da fala, terapeutas ocupacionais, terapeutas da psicomotricidade e professores especializados na intervenção na dislexia.

Através da avaliação cognitiva é possível intervir através de: intervenção médica, exercícios quiropráticos, terapias sensorial perceptiva, motora e proprioceptiva, intervenção direta sobre o comportamento, aprendizagem da precisão, abordagens cognitivas ao ensino, ensino multimodal, ensino de sequencias organizadas, ensino cumulativos e multissensoriais utilizando materiais de apoio e aplicações informáticas multissensoriais, técnicas de aprendizagem global e fônica, abordagens baseadas na consciência fonêmica, correspondências grafemas-fonemas, abordagens ao ensino das línguas através de métodos cumulativo e altamente estruturados, programas escola família de ajuda psicológica e de apoio pedagógico para pais e alunos, desenvolvimento de jogos não competitivos, relacionando toda a família no processo de aprendizagem, apoio profissional, educativo e sociocultural aos pais disléxicos, que também necessitam desse apoio para incentivar o disléxico durante o tratamento.

Realizado o diagnostico a criança deve ser transferida para uma escola que adote o método fonético o que é apropriado para a criança portadora do distúrbio. Nesta perspectiva se faz por necessário avaliar a instituição educacional e verificar se a mesma possa contribuir no processo de aprendizagem do disléxico, senão, a iniciativa é dar andamento ao tratamento em outra instituição escolar. A escola, família e os especialistas envolvidos devem dar suporte e apoio igualitário para que não haja insegurança por parte do disléxico durante o andamento do tratamento.

Nesta perspectiva, Santos (1986) complementa:

Na dislexia mais séria, há frequentemente necessidades de recorrer a técnicas especiais, empregando-se outros recursos além da visão e da audição, como fazem os vários métodos visuo-audiocenestésicos (VAK), em que entram movimentos. Pode ser mesmo necessário o emprego dos visuo-audiocenestésicotáteis (VAKT), em que entra também o contato do dedo com o material a ser lido: a criança traça com o indicador e o médio, a palavra que acabou de escrever pronunciando-a. (p. 43).

É importante salientar as características de cada caso que auxiliar no diagnóstico e também nos meios empregados para o início do tratamento. Se faz necessário o dislético ter conhecimento em todo processo. Santos (1986) destaca: “Deve incluir a própria criança na entrevista em que se dão, aos pais, explicações sobre o diagnóstico feito, sobre a natureza da dislexia, seu tratamento e prognóstico” (p. 44).

Se o dislético não obtiver apoio multidisciplinar, muitas das dificuldades que sente no processo educacional poderão ser levadas até a vida adulta, que acarretarão diversos problemas, principalmente no meio em que esta inserido socialmente e em toda vida acadêmica.

6. DISLEXIA E ESCOLA

Na escola podemos encontrar casos de dislexia. Em outros lugares o distúrbio também é manifestado, mas é na escola onde o foco educacional que envolve principalmente a escrita e leitura é que os sinais de fato explicitam a dificuldade. Topczewski (2000) afirma que “Considerando-se as suas dificuldades relacionadas à dislexia, a criança percebe que sua vida se torna um tanto penosa, complicada, seja na escola ou em casa” (p. 66). Na escola sempre houve casos de dislexia, mas a metodologia de ensino determinante não a reconhece e não foi feita para crianças disléticas. Em consequência a evasão escolar é predominante. Poucos conseguem se manter na escola devido a frustração de não conseguir aprender.

Lima (in Araujo e Luna, 2005) exhibe com significância que “Temos conhecimento de que a dislexia se manifesta durante a alfabetização, mas nem sempre as escolas conseguem detectar os sinais dos distúrbios.” (p. 26).

A dificuldade na decodificação é um dos fatores presentes na realidade escolar. Quando esta dificuldade persiste na sala de aula, o professor deve ter uma posição de atenção. Com a intervenção precoce, com iniciativa pedagógica, quando o aluno está apto a aprender, o processo é mais eficaz e significativo. Em decorrência da falta de conhecimento de professores, coordenadores e diretores, o sistema educacional falha, desfavorecendo esses alunos e reforçando o atraso na aprendizagem.

Alunos com dificuldade na escrita e leitura são cada vez mais frequentes na sala de aula. Conforme Lima (in Araujo e Luna, 2005): “Muitos disléticos passam a infância e a adolescência sem ler um livro, não tendo, às vezes o conhecimento da causa, atribuem essa dificuldade a capacidade intelectual” (p. 26). Neste contexto, a posição

do professor que desconhece o distúrbio é de rotular, já que a criança é vista como preguiçosa, desatenta, bagunceira etc. e acaba por prejudicar a vida escolar e a visão de como o aluno vê a si mesmo.

Ianhez e Nico (2002) afirmam que:

Seria muito importante que todos os professores soubessem o que é dislexia. Havendo suspeita de que um aluno esteja apresentando algum distúrbio de aprendizagem, o melhor é não tentar adivinhar ou diagnosticar, mas entrar em contato com a orientação pedagógica da escola para mais informações sobre o aluno (p. 72).

É necessário haver entre os docentes informações sobre diversas deficiências de aprendizagem que existem no campo educacional, inclusive a dislexia, que muitas vezes é confundida, e as conseqüências acarretam sérios problemas que são levados até a vida adulta.

7. DIAGNÓSTICO DA DISLEXIA – IMPACTO ESCOLAR

A equipe multidisciplinar é responsável por investigar e garantir respostas no processo de avaliação, e se for necessário, incluir demais especialistas para compor com precisão o diagnóstico. Esta mesma equipe poderá analisar o que é possível na confirmação ou no descarte da dislexia. O papel da escola é importante, assim como o dos pais do aluno e o levantamento familiar são imprescindíveis para a realização do diagnóstico. Durante todo o processo é necessário que especialistas, escola e pais estejam em sintonia.

Realizado o diagnóstico, os responsáveis pela criança devem informar a direção escolar e o professor do aluno disléxico. O diagnóstico deve ser esclarecedor tanto para a criança quanto para a escola que participará deste processo, e deve-se encaminhar o documento que conste o distúrbio para que haja um tratamento diferenciado e suporte a um ensino adequado com sistema diferenciado de avaliação. Com base nesta visão educacional Ianhez e Nico (2002) evidenciam melhorias na aprendizagem do disléxico e mencionam que “Com a devida orientação, o aluno conseguirá ser bem sucedido em classe. A compreensão e assimilação da matéria são mais prováveis se houver clareza, variedade, flexibilidade no estilo de ensino.” (p. 72).

Verificamos que um ensino diferenciado é libertador e durante todo o andamento é necessário o apoio afetivo e comprometedor das partes envolvidas sejam permanentes na trajetória escolar do disléxico.

8. PAPEL DO PROFESSOR

Há situações importantes em que o professor deve renovar sua prática pedagógica, principalmente nas situações onde a dificuldade de aprender e entender persiste. A ausência de formação do professor impossibilita a identificação de problemas intelectuais. Com a falta de conhecimento existe a grande probabilidade de o professor culpar o aluno pelo insucesso assim, o professor não pesquisa e nem procura estudar e utilizar outros métodos para que a criança aprenda e entenda o conteúdo da melhor forma entendendo e respeitando a sua individualidade.

Todavia, o papel do professor é importante e essencial no processo de alfabetização, pois é a partir desta fase que transparecem as dificuldades e principalmente os sintomas da dislexia.

Contudo, é importante que o professor se capacite para atender estas dificuldades presentes na sala de aula, para amenizar e evitar situações constrangedoras devido à dificuldade de aprendizagem. Em relação à bagagem de informações e conhecimento que são essenciais para a prática do professor, Ianhez e Nico (2002) destacam que: “Não é necessário que os professores sejam especialistas em problemas de aprendizagem, mas é indispensável que todos os professores entendam as necessidades dos alunos disléxicos dentro e fora da sala de aula.” (p. 75).

O professor exerce uma função muito importante na sala de aula. Além de estimular as diversas competências disciplinares, é responsável por transmitir conhecimento e modificar o meio; e dentro deste papel fundamental em nossa sociedade, é necessário que haja um olhar diferenciado para o aluno e suas necessidades, que possa haver um reconhecimento das habilidades e até das debilidades. A escola enquanto formador de futuros formadores tem de estar a par das necessidades e precisa ter preparação necessária para atender crianças com problemas de aprendizagem e suprir as deficiências escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar ações que envolvem a dislexia torna-se uma questão desafiadora e preocupante para a sociedade na qual o sujeito com a dificuldade de aprendizagem torna-se vítima do despreparo dos profissionais e familiares. À margem deste pressuposto, professores vêem a situação-problema com atitudes equivocadas. Esta e outras dificuldades que afetam a aprendizagem necessitam de acompanhamento profissional que oriente o

professor, pais e alunos. A criança aprende de forma diferente e necessita de um método diferente de ensino.

Todavia, em nossa realidade, educadores precisam ter uma formação inicial e continuada a realidade escolar, para que possa haver a teoria ligada a prática, diferenciando estratégias e metodologias junto com o especialista envolvido para que esta parceria acarrete em resultados positivos, permitindo que o educando supere as dificuldades de aprendizagem na vida do educando e evite o fracasso escolar.

Portanto, as intervenções devem ser precisas e eficientes acerca das características que constituem a dificuldade de aprendizagem do disléxico.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARAÚJO, G. M. L. de; LUNA, M. J. de. M. (ORGS). **Formação em Língua Portuguesa – Novas experiências**. Recife: Editora Universitaria UFPE, 2005.

AJURIAGUERRA, J de; et al. **A Dislexia em questão**: dificuldades e fracassos na aprendizagem na língua escrita. Porto Alegre: Artes Medicas, 1990.

CIASCA, S. M.; CAPELLINI; S. A.; TONELOTTO, J. M. F. *Distúrbios específicos de aprendizagem*. In CIASCA, S. M. (Org). **Distúrbio de aprendizagem**: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CONDEMARÍN; Mabel; BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia**: manual de leitura corretiva. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

IANHEZ M. E; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece**: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. São Paulo: Alegro, 2002.

MASSI, Gisele. **A Dislexia em questão**. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

PENNINGTON, Bruce F. **Diagnósticos de distúrbios de aprendizagem**. São Paulo: Pioneira, 1997.

SANTOS, C. C. dos. **A dislexia específica da evolução**. São Paulo; Savier, 1986.

TOPCZEWSKI, Abram. **Aprendizagem e suas desabilidades, como lidar?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

VILLAMARÍN, Alberto J. G. A. **Educação Racional**. Porto Alegre: AGE, 2001.

ZORZI, Jaime Luiz. **Guia prático para ajudar crianças com dificuldade de aprendizagem**: dislexia e outros distúrbios. Um manual de boas e saudáveis atitudes. Pinhais: Editora Melo, 2008.